



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL:

TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

25 a 27 de Outubro de 2020

LITERATURA INFANTIL ENTRE O TEXTO E A IMAGEM (OU VICE-VERSA)

Marcos Roberto do Nascimento

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Eixo Temático: Literatura infantil e as relações com a imagem

Introdução

Não é nada fácil definir literatura infantil e juvenil. É o texto ou o objeto livro que a define com seu formato e projeto gráfico? São as instituições *estranhas* ao “universo” da criança, como o mercado editorial, as premiações e a academia, com estudos no campo da teoria literária, da psicologia do desenvolvimento, da pedagogia etc.? São as instituições *comuns* ao “universo” da criança, como a família e a escola? São esses dois aparatos institucionais que subordinam a literatura infantil e juvenil a uma função utilitária e pedagógica? Essas questões parecem importantes para se pensar, contemporaneamente, algumas tendências na literatura infantil. O mercado também tem grande relevância nesta demarcação conceitual na medida em que determina não apenas os aspectos comerciais, mas também, em grande medida, os estéticos. Quando, por exemplo, em uma feira internacional de livros infantis e juvenis, como a de Bolonha na Itália, quase toda a dinâmica do evento está voltada para o comércio de direitos autorais, numa absoluta ausência de crianças nos corredores da feira, algo está sendo dito sobre quais as preferências que o mercado tem para as crianças (e não o contrário). Ao mesmo tempo, as escolas e as famílias, preocupadas, sobretudo, com a formação e o desenvolvimento cognitivo das crianças, fazem escolhas literárias pretensiosamente acertadas para as crianças. Há quem diga que a história infantil apreciada apenas por crianças é uma história infantil ruim (HUNT, 2010, p. 75). Se for assim, os traços para delinear as tendências da literatura infantil ficam, como veremos a seguir, menos opacos do que se imagina.

Este trabalho busca apontar, como tendência na literatura infantil (LI), um modo de tratar temas hoje consolidados neste campo. O que se chama aqui de “modo” de tratar os temas é a ênfase que se dá a uma abordagem *filosófica* na LI, o que vem a influenciar as



Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil

“Maria Betty Coelho Silva”

Anais Eletrônicos: E-book de artigos – ISSN:

unesp



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

linguagens escrita e visual dos livros para criança. De certa forma o que esta abordagem sugere como literatura infantil de qualidade influencia o modo de tratar os temas. Apesar da grande diversidade da produção literária para crianças, desponta, especialmente nos resultados dos prêmios literários, uma literatura com texto e imagem que trazem uma apreensão dos sentidos em camadas estética e filosoficamente justapostas. As imagens, sob tal perspectiva, ganham ainda mais destaque nas narrativas quanto mais organicamente estiverem integradas ao texto por meio de um projeto gráfico que una consistentemente e conscientemente esses elementos. Este parece ser o caso do livro *Horizonte*, com texto e ilustrações de Carolina Celas (Orfeu Negro, 2018), o qual será analisado neste trabalho.

A literatura infantil e juvenil: Portugal e Brasil

Toda literatura tem a marca de seu tempo. Não seria diferente no caso da literatura infantil (LI), no Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo. Parece improvável, portanto, que se possa falar de uma LI que não desempenhe funções na formação dos pequenos leitores. Para Balça (2008)

Os textos de literatura infantil não são inocentes, e para além de encerrarem em si mesmos valores literários e valores estéticos, estão igualmente impregnados de valores sociais e de valores éticos. A literatura infantil é assim não só um veículo de convenções literárias, mas também de paradigmas e de comportamentos vigentes e considerados adequados pela sociedade em geral (p. 3).

Não obstante isso, a autora chama a atenção para o fato de que, apesar de os textos de literatura infantil serem portadores de um potencial formativo, eles não podem nem devem ser objeto de uma instrumentalização ou de uma didatização (BALÇA, 2008 p. 3). Essa questão parece ser um consenso entre os estudiosos da literatura infantil, no Brasil e em Portugal, mas nem sempre é consenso nas escolas brasileiras. Em muitos casos, as escolhas das escolas têm como finalidade transmitir ou reforçar valores que estas julgam fundamentais para a formação de seus estudantes. Lajolo e Zilberman (2017) afirmam que é antiga e estreita a relação entre literatura infantojuvenil, livros didáticos e governo. Segundo as autoras

Livros destinados ao público escolar são muitas vezes escolhidos a partir de pressupostos pedagógicos contemporâneos, mas ainda assim tão pedagógicos quanto patriotismo e obediência, valores difundidos, por exemplo, em *Poesias infantis*, de Olavo Bilac, que contavam com o aval e com a compra de autoridades educacionais de seu tempo (p. 67-68).

Lajolo e Zilberman (2017) enfatizam a relação entre a escola e o estado, tendo em vista a definição e implementação de políticas públicas de educação e



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

cultura que afetam diretamente a produção e circulação da literatura de maneira geral, mas especialmente a literatura infantil e juvenil. Isso porque a LI, enquanto gênero, "vê-se investida da missão de redimir a leitura e alterar o panorama de práticas letradas ralas e precárias no país" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017: p. 73). Ou seja, o investimento nestas áreas levaria o Brasil a dar um salto qualitativo do ponto de vista social, cultural e econômico. Tais objetivos, contudo, atingem mais o mercado livreiro em alguns momentos da história da leitura no Brasil do que propriamente o salto qualitativo. Dos temas transversais propostos nos documentos oficiais de definição curricular aos planos e programas governamentais voltados para o livro, leitura e bibliotecas, o que se vê é uma grande movimentação do mercado editorial devido às compras governamentais vultosas no Brasil e não uma melhora na qualidade.

Aparentemente, no Brasil do século XXI, livros para crianças e jovens continuam, salvo em fugidios momentos de invenção e vanguarda, gerenciados pelo discurso didático e ideológico de órgãos centrais da Educação e da Cultura, reforçando-se com isso, ainda que sob nova roupagem, a tão antiga vocação gramscianamente orgânica da literatura infantil e juvenil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 68).

Considerando as especificidades culturais, sociais, políticas, econômicas e demográficas de Portugal e do Brasil, é possível identificar algumas semelhanças e tendências na produção da literatura infantil. Ramos e Debus (2015), pesquisadoras de instituições em Portugal e no Brasil, analisaram estudos teóricos sobre a literatura infantil e juvenil (LIJ) nesses países, buscando mapear o que ocorreu ao longo de três períodos de produção (1960/1970, 1980/1990, 2000/2010) e refletir sobre as alterações, as continuidades e avanços verificados nesses períodos. As pesquisas sobre a LI no Brasil têm início em 1957, quando os estudos teóricos e práticos sobre a literatura infantil passam a ser obrigatórios nos currículos das normalistas a partir da Lei 3.739. Em Portugal, segundo as autoras, os estudos têm início nos anos de 1970 e são fortemente pautados pela relação entre escola e LI.

Nesse período, em Portugal, motivado pelas alterações verificadas no ensino, "com o alargamento da escolaridade mínima obrigatória, bem como uma ligeira abertura política do regime ditatorial" (RAMOS; DEBUS, 2015, p. 17), ocorreu um maior interesse pelas publicações dedicadas ao público mais jovem. No Brasil, como/uma vez que as décadas de 1970 e 1980 foram os anos de ouro da literatura infantil (PINHEIRO, 2018), as reflexões teóricas sobre a LI ganham novos contornos.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

Sem abandonar as questões anteriores sobre a formação dos jovens leitores, essas reflexões, em sua grande maioria, vêm do espaço acadêmico universitário. Na década de 1990, a literatura infantil se consolida nos programas de pós-graduação nas universidades (RAMOS; DEBUS, 2015, p. 22).

Em Portugal, as décadas de 1980 e 1990 são marcadas, por um lado, pelo mapeamento historiográfico de fôlego sobre a produção da literatura infantil, e, por outro, pelo aspecto mais voltado para as teorias sobre a LI. A tentativa de sistematização do contexto histórico e político, para entender a relevância da produção literária para a infância em Portugal, ocorre, particularmente no período de vigência do Estado Novo e do seu regime ditatorial (1933 a 1974) (RAMOS; DEBUS, 2015).

No último período analisado pelas autoras (2000-2010), destacam-se, no Brasil, os estudos teóricos e as análises de autores específicos, de forma que "as publicações de cunho historiográfico vão rareando em prol de análise de títulos de autores específicos" (RAMOS; DEBUS, 2015, p. 29).

Percebe-se que, tanto em Portugal quanto no Brasil, ocorreu uma mudança na abordagem da LI que, além de dar destaque a ela como componente formativo, passou a estudá-la como fenômeno literário de pleno direito, trabalhando as qualidades estéticas e artísticas e o crescente interesse pelo estudo da ilustração (RAMOS; DEBUS, 2015, p. 35).

Destaca-se também aqui outro aspecto: o modo como são abordados os temas já consolidados na LIJ nos últimos anos, desde os 1980 (BALÇA, 2008; LAJOLO; ZILBERMAN, 2017). Esta é uma tendência a ser mostrada, ainda que de maneira exploratória e intuitiva, neste trabalho.

Quando Lajolo e Zilberman (2017) destacam o papel dos órgãos centrais de Educação do estado brasileiro na formulação de políticas públicas de educação e cultura, a partir da Constituição de 1988, elas apontam para o impacto direto sobre a literatura infantil. Apontam ainda que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) é um marco nesse processo ao definir parâmetros curriculares novos e temas transversais que influenciam a cultura escolar¹: "os

¹ Na esteira de um conjunto de documentos governamentais no Brasil, ao longo de três décadas, além da Constituição Federal (1988), da LDB (Lei 9394/96), mencionados acima, tem-se ainda os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998); as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCN (2010);



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ: TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

temas transversais elencados pelos documentos são seis: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Temas Locais. Desde então, eles passam a constar de catálogos de editoras (...)” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 70).

Em Portugal, como destaca Balça (2008), o surgimento de novos temas, nos anos 1970 (a ecologia, o problema da discriminação, a droga, os problemas sociais e políticos, a sexualidade e os conflitos entre gerações), não é apenas uma tendência da literatura infantil portuguesa. Em outros países da Europa essa é uma realidade devido ao contexto histórico, como, por exemplo, o fato de, na década de 1970, a Unesco proclamar o ano de 1974 como o Ano Internacional do Livro Infantil e o ano de 1979 como o Ano Internacional da Criança, fazendo com que as atenções se voltassem para os temas da leitura, do livro, da literatura infantil e da criança (BALÇA, 2008).

Balça (2008) destaca em seu texto que

estes temas emergentes na literatura infantil portuguesa, nos anos 70/80, são na actualidade temas consolidados, que se afirmaram e atravessaram os últimos 30 anos, com uma presença constante nos textos literários para os mais novos (p. 2).

Também, como no Brasil, as políticas e órgãos do estado em Portugal terão papel importante neste processo de consolidação:

As questões da leitura e da literatura infantil são encaradas com um novo olhar pelos responsáveis pela educação, uma vez que se introduziu, nas Escolas do Magistério Primário, o estudo da literatura para a infância e que a Direcção Geral do Ensino Básico organizou colóquios nesta área e procedeu à compra anual de livros infantis, que distribuía pelas escolas do ensino primário e pelas diversas bibliotecas escolares (ROCHA, 2001:100, citado por BALÇA, 2008).

Além dos elementos comuns entre os dois países, ainda que apresentados de maneira breve aqui, o que se quer é discutir se há um modo de tratar esses temas que corrobore a ideia de que a literatura infantil dita de qualidade não é tão acessível para as crianças, considerando os recortes arbitrários de idades, e que o papel do mediador de leitura ganha destaque. Como diz Balça, há valores presentes

e o Plano Nacional de Educação - PNE (2014) que subsidiaram a formulação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017). De carácter normativo, este documento define um conjunto de princípios para aprendizagens essenciais, a partir dos quais orienta e operacionaliza a elaboração de currículos. Evidentemente que este é um tema complexo e envolto em polémicas e debates importantes que não serão tratados aqui.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ: TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

nos textos literários em camadas que só podem ser claramente percebidos por meio de uma exegese ou dedução, nem sempre tão acessível às crianças.

Ainda de acordo com Senís (idem, 49), os textos podem encerrar valores que só são claros após um certo trabalho de exegese ou de dedução. Logo, a figura do mediador é fundamental, uma vez que pode contribuir para que a criança efectue leituras mais profundas do texto literário, auxiliando-a nesse trabalho de exegese. Segundo Cerrillo (2007), uma vez que o mediador, na literatura infantil, é normalmente o primeiro receptor da obra, será ele que facilitará às crianças leitoras ideias e caminhos para realizar as suas leituras, possibilitadas pelos textos literários, na medida em que estes encerram uma dimensão plurissignificativa, permitindo à criança leitora diversos níveis de leitura (BALÇA, 2008, p. 3).

A abordagem filosófica de temas concretos para crianças talvez seja uma forma de aproximar a ideia de literatura sem adjetivos (ANDRUETTO, 2012) da produção contemporânea para o público infantil e juvenil. É a literatura infantil que está mudando ou a infância? Parecem ser ambas. Mas como uma tem influenciado a outra?

A seguir, será feita a análise do livro *Horizonte*, sob a perspectiva de uma literatura infantil que lança mão de uma abordagem que trata os temas "eleitos" para a LI de maneira mais complexa, em camadas.

Preâmbulo da análise

A leitura de um livro infantil nem sempre é uma tarefa fácil para os adultos. Há vários motivos para isso ocorrer: arrefecimento da imaginação (quando as pessoas se tornam adultas, elas vão se desbotando, perdendo a cor; para ler histórias para crianças é preciso imaginação); falta de repertório (é preciso ler para si para ler para as crianças); falta de tempo (é preciso tempo para brincar, para jogar, para imaginar), entre outras coisas. Enfim, são necessárias algumas condições socioculturais, ambientais, pessoais e institucionais para ler e contar histórias para crianças. Apesar de se reconhecer que há uma diversidade de livros produzidos para crianças, alguns filtros são realizados por especialistas que vão desde os filtros definidos pelas comissões de julgadores de prêmios e concursos literários a editais de compras governamentais no Brasil, ou mesmo os crivos pedagógicos das escolas, ora orientados por documentos que determinam os currículos, ora por seus projetos pedagógicos e ideológicos.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva”

Em meio a essa diversidade de livros infantis, podem ser observadas diferenças marcantes em relação ao uso das imagens e ilustrações na concepção de livros para crianças. Na década de 1960, o mundo ocidental, com o avanço da tecnologia e a valorização das imagens, experimenta novas propostas de livros infantis, que trazem a ilustração e o projeto gráfico como importantes elementos narrativos (PINHEIRO, 2018, p. 141).

Nesse aspecto, *Horizonte* pode ser considerado um “livro ilustrado”, o qual se define por forte interação e diálogo entre imagem e palavra (PINHEIRO, 2018). A narrativa apresenta uma integração orgânica entre imagem e palavra. Pode-se dizer que, de maneira geral, os livros para crianças são livros multimodais e multimídia, mas nem todo livro para criança é intermídia. Os livros intermídia se caracterizam não apenas pelo diálogo entre duas linguagens, como a escrita e a visual, mas, sobretudo, por “uma inter-relação entre essas duas formas artísticas, de modo que uma não é compreendida sem a outra” (PINHEIRO, 2018, p. 139).

Horizonte

Horizonte é um livro acompanhado de belíssimas ilustrações e projeto gráfico criativo. A autora, Carolina Celas, apresenta o seu universo poético de maneira sensível e encantadora. O horizonte está subentendido nos olhares, marca indelével dessa narrativa, que provoca deslocamentos de sentidos. O horizonte, que se escreve, no singular, apenas uma vez na capa do livro, pode estar aqui, acolá, visível ou disfarçado. A procura é parte desse movimento. Querem agarrá-lo, mas ele parece escapar sempre. Nessa narrativa filosófica para crianças de todas as idades, o objetivo da busca talvez esteja, todo o tempo, bem próximo ou mesmo distante, só ao alcance da imaginação.

O título *Horizonte* bem que poderia estar no plural, “Horizontes”, porque é isso que o livro faz todo o tempo, remetendo os leitores e leitoras a múltiplas perspectivas, a múltiplos olhares sobre as realidades, a possibilidades sempre imaginadas a partir do olhar sobre as coisas, sobre o mundo. O olhar terá um destaque especial no livro, subentendido no texto e bastante marcante nas ilustrações.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

Em *Horizonte*, o fluxo da narrativa é indeterminado. Há uma busca permanente de sentido e, como livro ilustrado, as imagens compõem um enredo de maneira absolutamente integrada ao texto. O horizonte (ou os horizontes) é, ao mesmo tempo, texto e imagem a expressar mais do que uma perspectiva estética, mas, sobretudo, uma perspectiva da linguagem. A autora remete o leitor a um campo de sentido por meio de uma construção ou estratégia composicional que só é possível porque ela também é a ilustradora. Neste aspecto, o livro *Horizonte* é uma obra intermídia, onde o texto e a imagem não apenas dialogam entre si, mas se fundem numa única coisa, quase uma mesma linguagem. O texto, na sua forma escrita, é um elemento também da ilustração, seja pela posição que ocupa na página, seja pela cor das letras em determinados momentos da narrativa visual. Não é possível despregar o texto da imagem nem a imagem do texto. Essa integração orgânica entre texto e imagem só é possível por meio de um projeto gráfico conscientemente elaborado para produzir determinados efeitos de sentido. O projeto gráfico da obra é marcado pela presença de várias linhas, predominantemente horizontais, retas e sinuosas, indicando a divisão e ou a separação de espaços.

O próprio título do livro é escrito em letra cursiva. A linha branca cria uma divisão no meio do livro. Essa grossa linha branca horizontal que divide o livro ao meio também está presente na imagem da metade superior da primeira capa (Figura 1), parecendo formar caminhos que cortam montanhas azuis, rosas e vermelhas. Aponta para novos horizontes escondidos por detrás das montanhas coloridas.

Tal efeito de demarcação, delimitação, separação, não produz uma ideia de dicotomização do espaço da página, como, por exemplo, em cima/em baixo, na medida em que esta demarcação se dilui através da perspectiva visual criada. Este traço sempre remete o leitor para além do texto e da imagem. Este corte, esta linha, cria certa perspectiva que é, ao mesmo tempo, visível e imaginada.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"



Figura 1: Capa aberta do livro Horizonte
Fonte: CELAS, C. Horizonte (2018)

As ilustrações, mesmo que não pareça, estão quase sempre em página dupla, e as palavras se apresentam no livro de forma discreta. Elas compõem as páginas e se fundem com as ilustrações. As cores das letras não variam muito. Sempre no branco, azul ou vermelho, as cores que predominam no livro. Isso gera um efeito de composição muito interessante no livro, uma vez que as cores são suaves, aquareladas. A posição do texto na página também revela a estratégia composicional em cada página, o que reafirma a característica intermídia do livro. O texto, neste caso, é também imagem.

O horizonte está sempre colocado em perspectiva. As linhas imaginárias criam possibilidades que remetem o leitor a um caminhar, a um navegar, a um experimentar a descoberta de algo novo, como no poema de Quintana, em epígrafe neste texto, ou *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago. Os horizontes estão "ali" ou "acolá"; no "infinito" ou "dentro de mim". A palavra *horizonte* é escrita em letra cursiva a partir de uma linha branca que surge da quarta capa e segue como continuidade da letra "e" no final da palavra, sem romper a linha que passa para a contracapa. A guarda do livro e a folha de créditos, que também estão criativamente integrados a esse jogo enunciativo, servem de suporte para o movimento que se inicia: estrada, caminho, primeiros passos, primeiros personagens, deslocamento, narrativa (Figura 2).



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"



Figura 2: Guarda e Folha de Créditos como elementos do jogo enunciativo
Fonte: CELAS, C. Horizonte (2018)

O livro não tem paginação. Talvez essa ausência de marcação sugira que a atenção deva estar voltada para outras marcações nas páginas, como, por exemplo, a posição das palavras e das frases nas páginas ou, ainda mais relevante, as direções dos olhares das personagens. É como se esses olhares guiassem, ou devessem guiar, os olhares de leitores e leitoras, evitando o lugar comum de uma leitura linear, a certeza de onde se está no livro. A leitura deste livro remete o leitor e a leitora sempre para fora do livro, ou para outro lugar dentro do livro, ou ainda para um lugar em si mesmo. Mas, sobretudo, sugere sempre um movimento, um deslocar-se de si para o outro, do concreto para o imaginário, da realidade para a brincadeira, jogo de imagens e palavras.

Esta narrativa não é tão simples. Não é linear. O leitor é levado a buscar significados a partir das camadas de sentidos que o texto e as imagens vão justapondo. Essa trama de imagens e textos exige sempre um pouco mais do leitor, mas não mais do que a imaginação criativa da criança. Quero dizer com isso que enquanto os adultos buscam racionalizar o encontro da criança com a literatura, tentando ver uma relação direta entre texto e imagem, entre mensagem e formação, leitura e educação, subtraindo desta relação o jogo, a trama, a brincadeira, as crianças, por sua vez, rompem esta barreira da racionalidade instrumental. Dessa forma, elas podem alcançar outras camadas do texto. O papel do mediador, neste caso, passa a ser fundamental, se orientado pela perspectiva criativa do jogo



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

enunciativo, da leitura literária². *Horizonte* parece romper com o viés pedagógico tradicional e instrumental. Pode-se dizer que a obra se insere na tendência que se aponta aqui, de um modo de abordar temas consolidados na literatura infantil que faz interagir, filosófica e poeticamente, texto e imagem dentro do jogo enunciativo.

Em nenhum momento a palavra "horizonte" aparece no miolo do livro, apenas na capa. O texto da capa, o título do livro, é ele mesmo texto e imagem (Figura 1). Ele é o início da narrativa, criativamente integrado à linha que dá sentido a toda trama da obra. Moraes (2019), ao fazer a análise de seu livro ilustrado, *Rosa*, diz que entende por escrita "não somente as palavras, mas também as imagens. Escrevo com as imagens" (p. 116). Para ele, imagem e palavra estão integradas no livro ilustrado como se fossem um arquipélago: "substantivo coletivo e assim deveria ser nossa concepção de livro ilustrado" (MORAES, 2019, P. 127).

No livro *Horizonte*, apesar da delicadeza e singeleza dos desenhos das pessoas que compõem a narrativa visual, os "olhares" estão sempre destacados. Eles sempre estão apontando para algum lugar. Curioso porque os rostos das personagens humanas são definidos por três pontinhos pretos: olhos e nariz. Porém, essa perspectiva traz uma expressividade singular, bastante apropriada e integrada ao texto e à proposta do livro. Em toda a narrativa visual, esse elemento está fortemente presente. Destaca-se, contudo, a seguinte imagem: mesmo não aparecendo o rosto da personagem, o seu olhar está sempre direcionado para algo. Ela está diante de um quadro, de costas para o leitor (Figura 3), e percebe-se que ela olha para o quadro. O que pode ser também uma janela. E dentro (ou fora) dele (ou dela) há um outro personagem que também olha. Ao lado, na mesma imagem da página dupla, que parece ser uma galeria de artes ou um museu, um grupo de pessoas tem seus olhares atentos e direcionados. O olhar é um importante elemento da narrativa. O olhar, nessa narrativa que também é visual, é movimento, um movimento sempre para outro ponto, outro lugar, outro olhar. Essa disposição das ilustrações em páginas duplas amplia tal jogo de imagem e palavra. Não há

² Entende-se aqui por *leitura literária* o modo de ler textos e o mundo, imprimindo neles o olhar do leitor e se deixando tocar por eles através da imaginação, dos sentimentos, da criatividade, dos afetos e também pelas racionalidades de leitores e leitoras. A leitura, nesta perspectiva, pode conter um ou mais desses elementos, mas ela só será literária se preservar a liberdade da interpretação, do jogo, da imaginação.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (R)EINVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

redundância nesse jogo. O uso minimalista das palavras não apenas exige a imagem, mas compõe a imagem, provoca a imaginação.



Figura 3: Os sentidos do olhar
Fonte: CELAS, C. Horizonte (2018)

As linguagens escrita e visual, no livro *Horizonte*, estão tão integradas e concisas que aparentam ser apenas uma. Destaca-se outra cena paradigmática dessa integração orgânica: quando, em uma das ilustrações em página dupla (Figura 4), a linha que separa o meio da página desaparece (ou essa ausência é insinuada), o texto: "*Quando me deito desapareces*", ocupa esse lugar e dá continuidade à narrativa sem provocar a quebra da estratégia visual adotada pela autora. O jogo enunciativo aqui ganha ainda mais força.

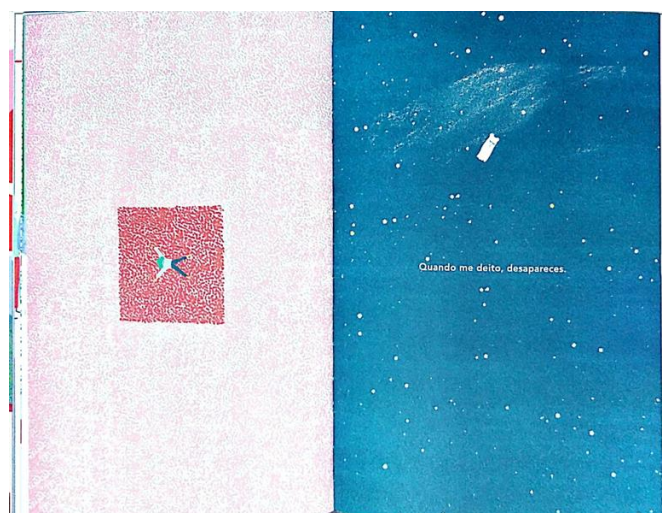


Figura 4: Texto e imagem - Quando me deito desapareces
Fonte: CELAS, C. Horizonte (2018)



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

A abordagem filosófica dos temas parece ser uma das características das tendências do livro infantil contemporâneo. Qual leitor esta abordagem pressupõe? Certa complexidade do texto decorre disso. Se, por um lado, recentemente, a literatura infantil, especialmente por critério de julgamento em prêmios literários ou em editais públicos de compra de livros, busca evitar o chamado "didatismo" nos textos infantis e um discurso pedagógico e moral, que marcaram o início da literatura infantil no Brasil e também em Portugal, por outro, os livros infantis vão se tornando mais complexos, atendendo talvez a demandas externas ao universo da infância, ou mesmo ressignificando a infância a partir da literatura infantil. Como diz Hunt (2010):

Definir literatura infantil pode parecer uma demarcação de território, mas apenas na medida em que o objeto necessita alguma delimitação para ser manejável. No entanto, a despeito da instabilidade da infância, o livro para criança pode ser definido em termos do leitor implícito. A partir de uma leitura cuidadosa, ficará claro a quem o livro se destina: quer o livro esteja totalmente do lado da criança, quer favoreça o desenvolvimento dela ou a tenha como alvo direto (p. 100).

Os desafios parecem não se encerrar com esta definição. Pelo contrário, exigem ainda mais dos editores, dos teóricos da literatura, das famílias e das escolas um compromisso com a criança, enquanto expressão da infância, e com a literatura, enquanto uma das expressões artísticas da nossa humanidade.

A narrativa do livro *Horizonte* encerra-se com uma ilustração (Figura 5) onde as linhas se multiplicam em todos os sentidos, formando uma trama de pequenos quadrados, o que, paradoxalmente, amplia as possibilidades. No alto, em segundo plano, uma pessoa parece ler um livro. Outras duas parecem observar e comentar a cena da jovem leitora dentro de uma moldura, com vários enquadramentos; elas mesmas dentro e fora de um espelho imaginário. E termina assim a narrativa escrita: "*Pergunto-me se também estás dentro de mim*", com as palavras em letras vermelhas, rompendo as linhas traçadas na vertical, como se estivessem rompendo limites, construindo possibilidades.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ: TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

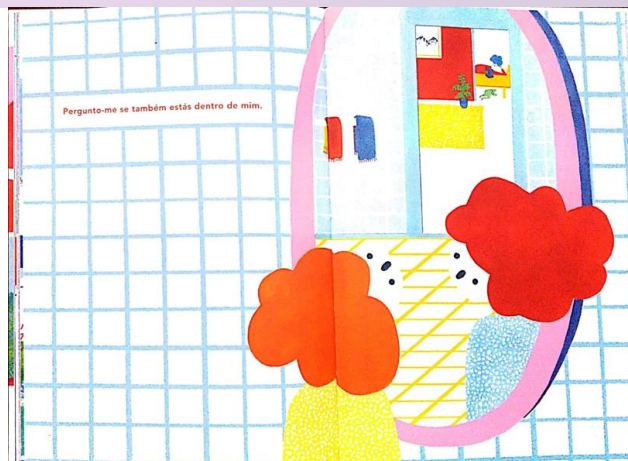


Figura 5: Pergunto-me se também estás dentro de mim
Fonte: CELAS, C. Horizonte (2018) 1

Essa é uma exegese, uma leitura em camada, como diz Balça (2008). A página final, ilustrada por linhas em vários sentidos, retas e curvas, com diferentes traçados, é costurada pela trama imaginária da busca permanente pelo sentido da vida, por assim dizer, num perspectiva filosófica. Sutilmente a imagem da personagem leitora no alto da página à direita sugere que a linha do horizonte poderá ser alcançada, superada pela imaginação criativa desprendida dos livros, algo que a menina que gostava de ler, de Clarice Lispector, clandestinamente sabia.

O horizonte é um lugar a ser alcançado, superado, imaginado, conquistado, Mas, antes de tudo, visto como possibilidade. A autora tenta mostrar que o horizonte pode ser visto e olhado de vários ângulos e perspectivas. Ele tem que ser almejado como a Ilha desconhecida de Saramago, como as estrelas de Quintana, como o livro da menina de Lispector. Isso remete o leitor a outro elemento importante do livro, não tão explícito, como dito acima: o movimento. Movimento como deslocamento de sentidos. Dessa maneira, o movimento é um atributo da imaginação e uma estratégia do jogo enunciativo, a qual se mostra desde a capa do livro.

Considerações finais

As condições econômicas, sociais, políticas e demográficas de um país podem, direta ou indiretamente, influenciar a produção literária voltada para criança, especialmente porque *infância* e *literatura infantil* são conceitos complexos e instáveis, uma vez que variam em diferentes épocas e culturas. Contextos históricos



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

determinam processos de mudanças nos valores, nas instituições, nas ideias, nas formas de organização social e cultural etc. A descoberta da infância (ARIÈS, 1981); a relação do Estado com a escola e com o mercado editorial no Brasil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017); as transformações na política e nos valores em Portugal (BALÇA, 2008) em alguma medida influenciaram a produção literária nesses países. Ao considerar essas condições, as tendências na produção literária para crianças podem ser identificadas quando associadas a processos de mudanças. Tendências relativas a temas abordados, a padrões estéticos, a estratégias editoriais, a políticas públicas de educação e cultura etc., podem estar ligadas às mudanças na sociedade.

Buscou-se apontar neste trabalho um "modo" de tratar os temas emergentes e consolidados na literatura infantil no Brasil e em Portugal. Entre semelhanças e especificidades, uma abordagem filosófica parece emergir nesse contexto de mudanças. Não se trata de redução do texto literário ao texto filosófico, o que tornaria o livro para criança um livro paradidático. O "modo" de tratar os temas combina, dialogicamente, texto e imagem por meio do projeto gráfico, visando produzir múltiplas camadas de significados. O resultado produzido por esse "modo" de tratar temas consolidados e emergentes na literatura infantil são livros que trazem uma complexidade semiótica nem sempre alcançada pelos leitores. É como se o livro infantil deixasse de contar história para criança e passasse a contar histórias.

Horizonte se aproxima dessa perspectiva. O caráter intermídia do livro *Horizonte* faz dele um exemplo paradigmático da complexidade semiótica expressa, delicadamente, em cada detalhe do livro. Seu texto e sua ilustração foram elaborados pela mesma pessoa. Evidentemente que esta não é uma condição suficiente para determinar tal aproximação.

Cabe ressaltar que neste texto exploratório analisar apenas um livro não é o bastante para qualquer tipo de afirmação ou conclusão que não seja absolutamente especulativa, sendo necessário uma diversidade maior de livros, de editoras, de autores e uma análise temporal cuidadosa.

Referências

ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad.: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.



VI Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ:
TRADIÇÃO, (R)EVOLUÇÃO E (RE)INVENÇÃO: A LITERATURA DO SÉCULO XXI

Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva"

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BALÇA, A. Literatura infantil portuguesa – de temas emergentes a temas consolidados. In: **e-f@bulações**: Revista Electrónica de Literatura Infantil. No. 02/2008. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4650.pdf>. Acesso em: 03/07/2019.
- CELAS, C. **Horizonte**. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.
- HUNT, P. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.
- LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MORAES, O. "O contraponto na criação de livros ilustrados: a dupla orientação em *Rosa e Olavo*". In: PINHEIRO, M. P.; TOLENTINO, J. M. A. (Orgs.) **Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção**. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019, p. 113-128.
- PINHEIRO, M. P. "O diálogo entre texto escrito e projeto gráfico em livros de literatura infantil premiados". IN: OLIVEIRA, L. H. S.; MOREIRA, W. (Orgs.) **Edição & crítica**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018 (127-167).
- QUINTANA, M. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- RAMOS, A. M.; DEBUS, E. Os estudos sobre literatura infantil e juvenil no Brasil e em Portugal: uma análise comparada. In: **Caderno Seminal Digital**, ano 21, nº 23, v. 1 (JAN-JUN/2015). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/viewFile/14461/12976>. Acesso em: 03/07/2019.
- SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.